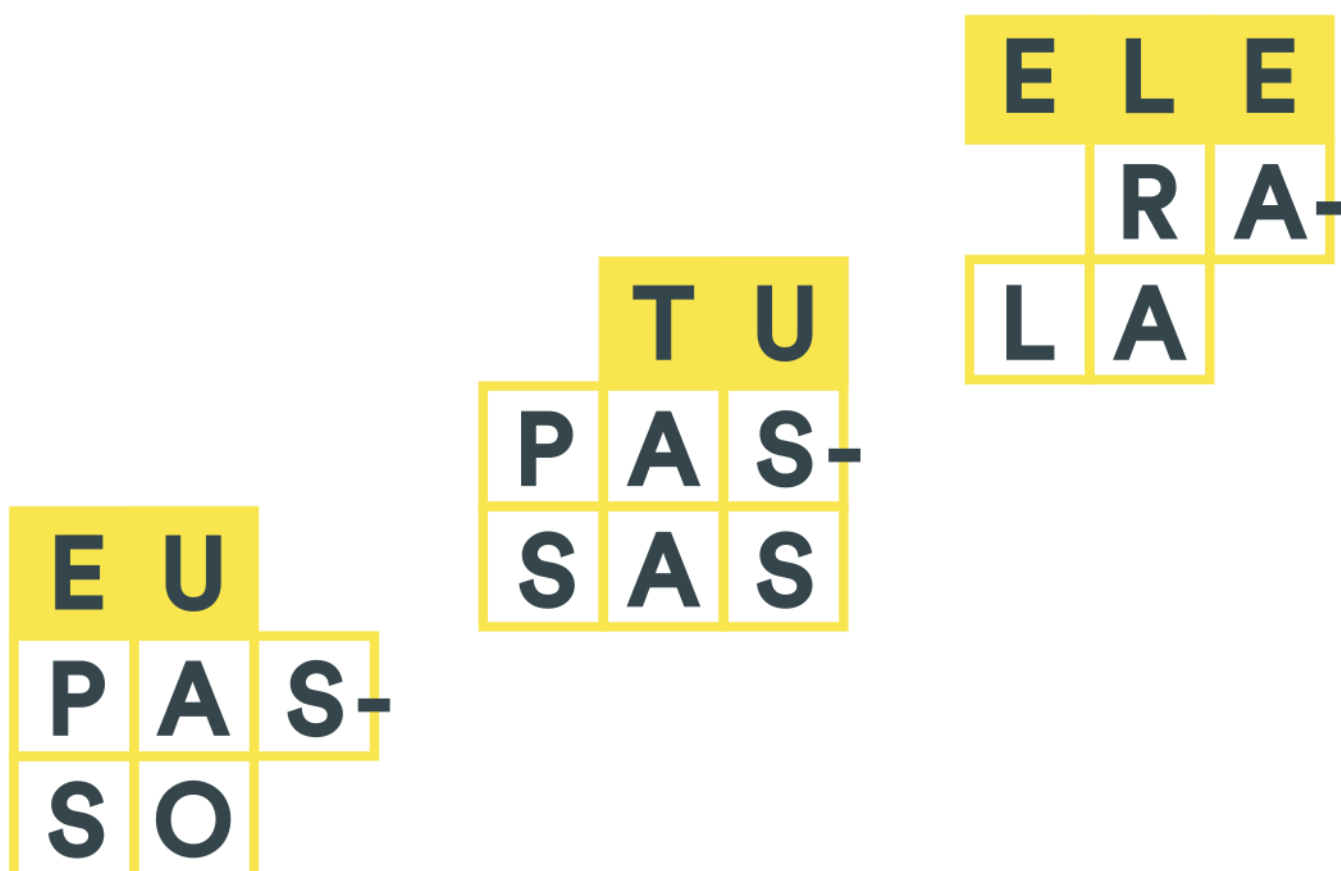


## *Exercícios específicos de interpretação V*



## Exercícios específicos de interpretação V

### 1. Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapê. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Cava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

- Que grandíssimo preguiçoso!

[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

- É que ele mata.

- E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

- Quá! Não paga a pena...

- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

(MONTEIRO LOBATO. *Jeca Tatu*. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

### Juca Mulato

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe em nada...

Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada; um cavalo pigarço; uma pinga da boa; o cafezal verdoengo; o sul quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente, o olhar indiferente, da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto, tem a noite lunar arrepios de susto; parece respirar a fronde de um arbusto, o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.

Tudo cria uma vida espiritual, violenta.

O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...

“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa, e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...

Olha a mata; lá está! O horizonte lho esboça; pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça; e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, importante, esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.

Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos, vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.

*(MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Poemas. 6ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-21.)*

Os escritores se valem, com frequência, do recurso de atribuir características de seres animados a elementos do meio-ambiente. Após verificar a ocorrência desse recurso no trecho de Juca Mulato,

- Cite uma sequência de versos do poema em que elementos do ambiente parecem assumir características de seres animados;
- Estabeleça a relação existentes entre as características do ambiente assim descrito e o estado de espírito da personagem Juca Mulato.

## 2. Trovas

a uma dama que lhe jurara  
sempre por seus olhos.

Quando me quer enganar  
a minha bela perjura,  
para mais me confirmar  
o que quer certificar,  
pelos seus olhos mo jura.  
Como meu contentamento  
todo se rege por eles,  
imagina o pensamento

que se faz agravo a eles  
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais  
ando já visto e corrente,  
sem outros certos sinais,  
quanto me ela jura mais  
tanto mais cuido que mente.  
Então, vendo-lhe ofender  
uns tais olhos como aqueles,  
deixo-me antes tudo crer,  
só pela não constranger  
a jurar falso por eles.

*(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)*

Apresente a justificativa lógica da conclusão a que chega o eu-poemático nos últimos cinco versos do poema de Camões.

- 3.** A questão abaixo toma por base o poema *Lisbon Revisited*, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935).

### **Lisbon Revisited**

(1923)

Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.  
Fora disso sou doido, com todo o direito de sê-lo.  
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?  
Queriam-me o contrário disto, o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?  
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos a vontade.  
Assim, como sou, tenham paciência!  
Vão para o diabo sem mim,  
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!  
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
Já disse que sou sozinho!  
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

*(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)*

Considerando que o advérbio não é uma das palavras mais repetidas ao longo de Lisbon Revisited, estabeleça a relação semântica que a repetição dessa palavra tem com a atitude do eu-poemático ante os padrões sociais.

4. A passagem do romance *O País do Carnaval*, de Jorge Amado (1912-2001) é a base para a próxima questão.

### O País do Carnaval

- É... – apoiava Jerônimo enrubescendo.
- E crer... Existem ainda homens inteligentes que creem. Crer... Acreditar que um Deus, um ser superior nos guie e nos dê auxílio... Mas ainda há quem creia...
- Há...
- Olhe, Jerônimo, dizem que foi Deus quem criou os homens. Eu acho que foram os homens que criaram Deus. De qualquer modo, homens criados por Deus ou Deus criado pelos homens, uma e outra obra são dignas de uma pessoa inteligente.
- E Cristo, Pedro Ticiano?
- Um poeta. Um blagueur. Um cético. Um diferente da sua época. Cristo pregou a bondade porque, naquele tempo, se endeusava a maldade. Um esteta. Amou a Beleza sobre todas as coisas. Fez em plena praça pública blagues admiráveis. A da adúltera, por exemplo. Ele perdoou porque a mulher era bonita e uma mulher assim tem direito a fazer todas as coisas. Cristo conseguiu vencer o convencionalismo. Um homem extraordinário. Mas um deus bem medíocre...
- Como?
- Um deus que nunca fez grandes milagres! Contentou-se com multiplicar pães e durar cegos. Nunca mudou montanhas de lugar, nunca fez descer sobre a terra nuvens de fogo, nem parou o sol. Cristo tinha, contra si, esta qualidade: sempre foi mau prestidigitador.
- [...]
- Jerônimo mudava de assunto.
- Você, Pedro Ticiano, é o homem de espírito mais forte que eu já vi. Com quase setenta anos, ainda é ateu...
- Ah, não tenho medo do inferno... E, no caso de ele existir, eu me darei bem lá...
- Você sempre foi meio satânico... É capaz de fundar um jornal oposicionista no inferno. Voltaire, você e Baudelaire no inferno. Que gozado!
- Pedro Ticiano sorria, vendo que Jerônimo não resistia à fascinação da sua palavra. E gostava de derrubar os sonhos daquele homem medíocre e bom, que tinha o único defeito de querer intelectualizar-se.

(Jorge Amado. *O País do Carnaval*. 30ªed. Rio de Janeiro: Record, 1976.)

Estabeleça, com base no contexto da fala de Ticiano, o que este quer significar com a frase: “Eu acho que foram os homens que criaram Deus.”

**5. Soneto**

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.  
Em seus lábios que os meus lábios osculam  
Micro-organismos fúnebres pululam  
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsidra! ...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos  
Roída toda de bichos, como os queijos  
Sobre a mesa de orgíacos festins! ...

Amo meu Pai na atômica desordem  
Entre as bocas necrófagas que o mordem  
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

*(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)*

Levando em conta a relação lógica “todo vs. parte” ou “parte vs. todo”, defina o sentido da expressão “bocas necrófagas” no décimo terceiro verso do soneto de Augusto dos Anjos.

## Gabarito

1. a) “tem a noite lunar arrepios de susto; parece respirar a fronde de um arbusto, o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.  
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.  
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...”  
b) O ambiente revela o estado de espírito da personagem Juca Mulato. Ou, em outras palavras, a personagem projeta na Natureza seus sentimentos.
2. Para evitar que a amada jure em falso pelos olhos, que tanto contentamento dão ao poeta, ele “finge” acreditar em suas mentiras.
3. O eu-poemático não aceita os padrões que a sociedade lhe impões. A repetição do não tem como intenção enfatizar a recusa do poeta diante dos valores e condutas que lhe são impostos.
4. No contexto, Ticiano expressa a opinião segundo a qual Deus seria uma invenção da inteligência humana.
5. O eu-poemático toma a parte (bocas) para se referir ao todo (vermes/decompositores). Assim, serão os vermes necrófagos que o morderão.